

Síntese sobre secção “cantos, contos e que mais...” Montemor-o-Novo.**Filomena Sousa (Memóriamedia)**

No âmbito da iniciativa “Festa de Contos - Festival Internacional de Narração Oral de Montemor-o-Novo”, em 2012, o Memóriamedia filmou poetas populares locais a recitarem os seus poemas. António Inácio tinha 81 anos, Ermelinda dos Anjos 83 anos e Manuel Silva 76 anos. Os três nasceram, viveram e continuavam a residir no concelho de Montemor-o-Novo.

Este trabalho realizou-se na Biblioteca Municipal de Montemor-o-Novo.

A poesia alentejana obedece à estrutura de uma quadra (mote) seguida de uma glosa em 4 décimas (em redondilha maior)¹. Veiga Guerreiro (1987) no colóquio Literatura Tradicional Portuguesa na Acarte Gulbenkian, referindo-se às décimas, cita Machado Guerreiro (CDB, 1986) dizendo que “há poetas populares que, de tão habituados ao esquema, são capazes de fazer, de improviso, uma “quadra” ou de entrar num desafio em “quadras” com a mesma facilidade com que por todo o país se dizem ou se cantam, ao despique ou à desgarrada, as vulgares quadras de quatro versos septassilábicos” (CDB, 1986, p.85).

“Tu és rico e eu sou pobre” é um poema de António Inácio que exemplifica a estrutura da quadra glosada em décimas:

Eu sou pobre e tu és rico

Eu sou pobre e tu és rico

Mas somos os dois iguais

Se ninguém te tinha dito

Digo eu: tu não és mais

Tu não tenhas a ilusão

Lá por teres muito dinheiro

Que és dono do mundo inteiro

Porque os pobres também são

Escuta bem esta lição

Que ninguém ta tinha dito

Sabes que eu não acredito

Que sejas muito importante

Lá porque foste estudante

E eu sou pobre e tu és rico

Eu em nada te quero ofender

E nem tenho esse direito

Porque é bonito o respeito

Que tu e eu devemos ter

Ambos devemos compreender

Que nenhum é menos nem mais

Nem culpas aos nossos pais

Pelos erros do passado

Por não nos terem ensinado

Que somos os dois iguais

Escuta bem esta verdade
Estou aqui como um amigo
Mas com lealdade te digo:
Respeita as leis da humanidade
Só assim é que há liberdade
Ser honesto é bonito
Não te iludas por ser rico
Que há muita gente que se ilude
Mas a maior riqueza é a saúde
E ninguém te tinha dito

Não queremos viver de vingança
Esse caminho é errado
Vivemos os dois lado a lado
É que é viver com esperança
Só assim tudo se alcança
Até os direitos sociais
Porque somos todos iguais
Cada um é o que é
E eu morro com esta fé
Mas digo sempre:
Tu não és mais.

António Relvas Inácio

Para além das quadras glosadas em décimas, alguns dos poemas apresentados nesta secção estruturam-se em sextilhas.

Os temas dos poemas são diversos, a inspiração pode partir de um animal doméstico, de um grupo de amigos, de estados de espírito ou episódios de vida. Também o concelho onde residem os poetas serve de mote a vários poemas. Por exemplo, Manuel Silva escreveu o poema “A cidade de Montemor”, um poema sobre a arte de cada um, a partir de uma exposição em Montemor:

A cidade de Montemor

A cidade de Montemor
Tem hoje um valor maior
Do que há uns anos atrás
Com este importante arquivo
Onde existe tanto livro
Que tanta falta aqui faz

Tive há dias ocasião
De ver uma exposição
Que existe no interior
É caso para dizer
Só quem aqui vier ver
Lhe pode dar o valor

Vi tudo com atenção
Penso que tenho razão
Em dizer que está perfeito
Mas se alguém não concordar
Pode-se pronunciar
Que temos esse direito

Louvado seja o artista
Que põe sua obra à vista
Para quem a quiser ver
Parabéns da minha parte
Para quem tem esta arte
E apresenta o seu saber

Não somos todos iguais
Uns são menos, outros mais
Cada um sabe o que sabe
Porque eu, nem por um milhão
Fazia uma exposição
Assim desta validade

Não sou poeta afamado
Mas penso não me estar dado
Eu aqui me rebaixar
Não sei fazer exposições
Faço quadras e canções
Faço aquilo que calhar

Manuel Domingos da Silva

A poesia alentejana era dita em festas, feiras e locais de entretenimento. Hoje os poetas populares são convidados a participarem em eventos organizados pelos municípios, dizem a sua poesia em festas ou encontros familiares.

Bibliografia

GUERREIRO, Manuel Viegas (1987) «Poesia popular: conceito, a redondilha, a décima. Décimas em poetas do Alentejo e Algarve», in Literatura Popular Portuguesa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1992, pp. 191-237.

CDB - Coordenação Distrital de Beja. (1986) Literatura Popular do Distrito de Beja, Notas e coord. de Manuel Viegas Guerreiro e António Machado Guerreiro, Beja, M.E.C. – Direcção-Geral da Educação de Adultos, 1986.

GALHOZ, Maria Aliche. (2008) “Em Homenagem ao Dr. A. Machado Guerreiro”. In Finisterra, XLIII, 86, 2008. Pp.133-135.

ⁱ A glosa é uma «estrofe onde é recuperado e explicado um determinado tema apresentado num mote que é colocado no início do poema e do qual pode repetir um ou mais versos em posição certa, como um refrão.». in <http://www.fcsh.unl.pt/invest/edtl/verbetes/G/glosa.htm> . Tem forma de uma ou mais décimas (estrofe de 10 versos) e é uma composição poética em que cada estrofe acaba por um dos versos do mote. O mote é, geralmente, um dístico, ou seja, composto por dois versos – ABBAACCDDC - ou um verso do mote aparece como quarto verso da glosa, e o outro verso na última posição.